

Visões francesas do Brasil: permanências medievais nos relatos da modernidade

Carmen Lícia Palazzo*

Resumo: O presente artigo analisa os olhares franceses sobre o Brasil, do século XVI a meados do XVII, apontando as permanências do imaginário medieval, privilegiando a longa duração. Parte-se da premissa de que os cortes cronológicos comumente aceitos da historiografia não correspondem às mudanças no universo mental, que se transforma muito lentamente. Levanta-se, então, a hipótese de que, nos relatos dos viajantes dos séculos XVI e XVII, dificilmente poderíamos encontrar forte evidência da chamada Idade Moderna. O enfoque teórico adotado é tributário da escola dos *Annales* em sua vertente voltada para o estudo das mentalidades e do questionamento da periodização tradicional da História.

Palavras-chave: Relatos de viajantes. Imaginário medieval. Alteridade.

Introdução

A análise dos relatos de viajantes dos séculos XVI e XVII pressupõe algumas considerações importantes acerca das mentalidades de um período que costuma ser associado ao pensamento renascentista e à chamada “modernidade”. A principal delas diz respeito ao fato de que os cortes cronológicos tradicionais devem ser tomados com certo cuidado, já que a noção de mentalidade remete à longa duração e à idéia de permanência.¹

* Carmen Lícia Palazzo é historiadora e economista, mestre e doutora em História pela UnB, com especialização em Roma, Paris e Montevidéu. Foi pesquisadora visitante na Georgetown University, em Washington, D.C. e, atualmente, é pesquisadora convidada do UniCEUB. carmenlicia@yahoo.com

¹ Este artigo apresenta parte de uma pesquisa mais ampla na qual trabalhamos não apenas com as permanências medievais nos relatos dos séculos XVI e XVII mas também com as rupturas que ocorreram a partir do século XVIII, com o desenvolvimento da História Natural e da razão iluminista (PALAZZO, 2002).

O início do que se convencionou chamar de Idade Moderna, em relação às mentalidades, é muito mais uma continuidade do que uma ruptura. D. Henrique e Pedro Álvares Cabral eram cavaleiros da Ordem de Cristo, cuja sede, à época do descobrimento do Brasil, estava no castelo de Tomar, em Portugal. Colombo, profundamente religioso, evocava a idéia de Cruzada e acreditava-se um propagador da fê. Sua busca das terras do Grande Khan foi, em certos aspectos, um prolongamento do relato de Marco Pólo, cujo livro era muito difundido em toda a Europa.²

Fatores econômicos e políticos impulsionam as chamadas Grandes Navegações da Idade Moderna. Há também todo um contexto europeu e uma especificidade ibérica que permitem a Portugal e Espanha sair à frente, para encontrar “novas” terras. Mas, não são novas as mentalidades que embarcam para as aventuras do Renascimento:

O que atrai e leva à aventura, o que faz esquecer o perigo, desprezar a morte? Nas condições de possibilidade que levaram à descoberta do Novo Mundo, o universo mental e material se confundem e se imbricam em um impulso místico/mítico: este fluxo carrega o ser ávido de sonhos, vestido de medos fundamentais, mestre, entretanto, de suas velas e de seu desejo de conhecer, reconhecer os caminhos de um mundo a ser domesticado. (NAVARRO, 1992, p. 148).

O historiador francês Jacques Le Goff trabalha sempre com a idéia do que denomina “uma longa Idade Média” (LE GOFF, s/d, p. 72). Enfatiza, em diversas passagens de sua obra, a importância da questão da cronologia, destacando que:

O passado respinga, sem dúvida, quando pretendemos sujeitá-lo e domá-lo com periodizações. Certas divisões são, contudo, mais destituídas de fundamento que outras para assinalar a mudança. Aquela a que se deu o nome de Renascimento não me parece pertinente. (LE GOFF, 1994, p. 21).

² Há vasta bibliografia para o aprofundamento do estudo sobre as viagens ao Oriente e o papel do imaginário de acordo com relatos medievais, como os de Marco Polo, Del Carpine e outros, e sobre o mítico reino do Preste João. Cf., em especial, MUSÉE DE LA MARINE, 1994; BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE, 1993.

Na medida em que se trabalha com a longa duração, é possível observar que as mentalidades de uma sociedade são, entre outros aspectos, influenciadas pela herança mítica que lhes é comum. Para nossa pesquisa, a identificação dos mitos e das utopias medievais é muito significativa, já que ambos são bastante evidentes nos relatos dos viajantes franceses que estiveram no Brasil, nos séculos XVI e XVII. Ainda que “utopia” remeta à ilha imaginária criada por Thomas Morus, em 1516, a palavra passou a ser adotada independentemente da época histórica de sua origem. No entanto, como destaca Franco Junior, “[...] as utopias medievais diferenciam-se das posteriores pelo fato de nelas ter sido bem mais acentuada a presença de componentes míticos” (FRANCO JÚNIOR, 1992, p. 11). Ao estudar os conteúdos míticos das utopias, o autor escreve que: “[...] aquilo que o homem perdeu na História, narrado pelo mito ele [...] recupera no além-História da utopia” (FRANCO JÚNIOR, 1992, p.13). E, ao analisar o *fabliau* da Cocanha, afirma o seguinte: “[...] se inegavelmente o mito situa a perfeição social no passado, esta também encontra-se contida no futuro, devido à concepção cíclica do tempo, típica do pensamento mítico” (FRANCO JÚNIOR, 1992, p. 21). O mito está, pois, presente nas construções utópicas de caráter coletivo que trazem, em seu bojo, os desejos mais fortes da sociedade que as elaborou. No que diz respeito à conceituação, alerta também para o fato de que os limites entre mito e utopia “são movediços” e podem assumir as funções um do outro (FRANCO JÚNIOR, 1992, p. 17).

No conjunto do imaginário medieval, um espaço importante foi ocupado pelo desejo de fartura, motivado por uma série de carências e renovado nos períodos mais críticos, estendendo-se para além do século XV. As utopias que se reportavam ao referido desejo atualizaram e reestruturaram vários mitos nos quais a alimentação exercia um papel preponderante. Reação contra uma penúria que, se não era permanente, reaparecia, porém, com certa frequência, a utopia da abundância estava presente em diversos relatos, e o mais significativo deles e de mais longo alcance foi, provavelmente, o do *fabliau* medieval da Cocanha, evocado também nos primeiros olhares europeus sobre o Brasil.

Se, apesar dos “limites movediços” entre ambas as formas do imaginário, o mito representa, como vimos, o que o homem perdeu na História

e a utopia, a recuperação do que foi perdido, podemos chegar à constatação de que o Paraíso é a perda por excelência e as viagens, a procura permanente, uma caminhada em direção à utopia. Neste desejo de recuperação do Éden, enquadrar-se-iam as peregrinações e também as grandes descobertas. Paraíso perdido em virtude do pecado de Adão e Eva, paraíso que poderia, um dia, ser reencontrado, viagens reais e imaginárias pretendendo concretizar esta busca, o mundo medieval elaborava, assim, suas histórias de maravilhas. E os mitos e as utopias eram reproduzidos não apenas em relatos orais e escritos mas também na arte que ornava as catedrais. Faziam-se presentes, portanto, nas mentalidades coletivas — e já se sabe o quanto as mentalidades se aferram à longa duração.

Em 1371, Jean de Mandeville apresentou *Le Livre des Merveilles*, um relato provavelmente não-vinculado a uma viagem real, mas que se utilizava de informações verdadeiras, combinadas com descrições fantásticas. Sua obra alcançou grande sucesso e pode ser considerada amostra significativa do interesse pelo prodigioso. Após a circulação de inúmeras cópias manuscritas, o livro de Mandeville surgiu na forma impressa, no final do século XV, sendo, então, reeditado várias vezes (MUSÉE DE LA MARINE, 1994, p. 100), o que demonstra a persistência do interesse europeu pelos relatos de viagens nos quais predominavam o material mítico e o fantástico. Sua influência ultrapassou a Idade Média, alcançando uma época na qual já se estendiam as navegações de longo curso. As ilustrações que faziam parte da obra de Mandeville — com seu conteúdo fantástico — contribuíram para acender a curiosidade, tornando o livro visualmente atraente e, de certa forma, procurando reforçar a credibilidade do que havia sido dito. Texto escrito e iconografia descreviam seres estranhos que, supostamente, existiriam em terras distantes (PALAZZO, 2002, p. 44-45).

Os animais do bestiário medieval continuaram a ilustrar, também, as obras do século XVI, e a utopia da Cocanha povoava as imaginações da Europa “moderna”. O reino de Preste João, outra elaboração da Idade Média, manteve-se, igualmente, no imaginário dos séculos XV e XVI. O cronista do rei de Portugal, Gomes Eanes de Zurara, deixou registrada a história desta busca (ZURARA, 1978). No ano de 1442, o infante D. Henrique pediu aos

navegadores portugueses que fornecessem informações sobre a terra do Preste João, um país cristão e muito rico, provavelmente situado na África. Persistia, assim, a crença no reino fabuloso que, durante o período medieval, cogitava-se estar localizado no Oriente. Havia apenas um “deslocamento” geográfico, a partir da metade do século XV, e sua localização não mais seria na Ásia, passando para a África, para a Etiópia, mantendo, porém, o fascínio no imaginário dos navegantes. É, pois, com ênfase nas permanências que abordamos os textos dos viajantes franceses que escreveram sobre o Brasil, nos dois primeiros séculos da conquista europeia.

1 O maravilhoso no relato de André Thevet

A França demonstrou, muito cedo, seu interesse pelo Brasil, não a partir de um projeto coerente de expansionismo — já que o cenário político interno apresentava-se por demais conturbado — mas por meio de incursões freqüentes com objetivo de comércio. A indústria têxtil de Ruão era uma importante consumidora de pau-brasil para as suas tintas, e os normandos encarregavam-se de abastecê-la, negociando, constantemente, com os índios no litoral das terras recém-encontradas. Tanto eles quanto os bretões, que eram também marinheiros experientes, freqüentaram, com assiduidade, o Brasil, interessados na madeira e, mais adiante, nas possibilidades abertas pelo comércio triangular, no qual se incluía o tráfico negreiro (WISMES, 1992).

Em 1555, a fundação da França Antártica por Villegagnon representou a possibilidade de apoio ao comércio francês e a esperança, para os protestantes, de encontrar uma terra onde fosse viável professar e expandir a sua fé. A aventura foi breve, mas dela originaram-se duas obras que marcaram profundamente o imaginário europeu: *Les Singularitez de la France Antarctique autrement nommée Amerique & de plusieurs terres et isles découvertes* (THEVET, 1557) e a *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, autrement dite de l'Amerique* (LÉRY, 1578).

Para o franciscano André Thevet, a qualificação que possuía em termos de conhecimentos geográficos e sua curiosidade por terras distantes, associadas a bons relacionamentos no ambiente clerical dominante, foram

elementos que lhe permitiram integrar a expedição de Villegagnon, na qualidade de capelão³. Mais adiante, de regresso à França, foi nomeado cosmógrafo da Corte dos Valois. O Brasil aparece em sua obra, de forma significativa, não apenas em *Les Singularitez de la France Antarctique* [...] mas também em *La Cosmographie universelle d'André Thevet cosmographe du Roy* (THEVET, 1575) e nos *Vrais Pourtraicts et Vies de Hommes illustres Grecz, Latins, et Payens, recueilliz de leurs tableaux, livres, medalles antiques et modernes* (THEVET, 1584), livro no qual está presente Quoniambec, chefe guerreiro dos Tamoios, integrando uma galeria de figuras ilustres. A parte inicial de *Singularitez* [...] descreve todo o caminho percorrido pela expedição de Villegagnon, incluindo diversos comentários sobre a África. Thevet não titubeia em acrescentar “dragões” aos animais que enumera como encontrados na altura da Mauritània:

[...] em algumas partes, porém, taes lugares são quasi como uns desertos, quer devido ao seu excessivo calor, que constringe os povos a andar seminus, [...] quer por motivo da esterilidade dos campos arenosos. Outra razão da existência de desertos é o número dos animais ferozes, — os leões, os tigres, os dragões, os leopardos, os búfalos, as hyenas, as panteras e tantos outros. Receosos desses animaes, as gentes do país vão aos seus negocios sempre aos grupos, armados de arcs, flechas [...]. (THEVET, 1944, p.634).⁴

Não há, portanto, nenhuma admiração, nenhuma dúvida com relação à existência de dragões, animais míticos que passaram à literatura e até mesmo a certas manifestações religiosas, extrapolando o período medieval. No sul da França, na região da Provença, mantém-se, até hoje, as festas populares que comemoram vitórias cristãs contra os dragões, especialmente em Aix, onde o monstro teria sido derrotado por Santa Margarida, e em Tarascon, onde a vencedora seria Santa Marta, em pleno século XVI. São Jorge, por sua vez, teria salvado a filha do rei da Líbia das garras de um temido dragão, atravessando-o

³ Para maiores detalhes sobre a vida de André Thevet, cf. JULIEN in THEVET, 1953, p. 5-8.

⁴ Em todas as citações do relato de Thevet optamos por manter a grafia em português da tradução de 1944, uma das mais conceituadas para a obra do franciscano. Todas as traduções do relato de Jean de Léry são nossas e foram realizadas a partir da edição fac-similar do original (LÉRY, 1975 [1578]). São também nossas as traduções nas citações de Buffon.

com sua espada (WIESER, 2004, p. 18). Nada mais natural, portanto, para um viajante do que localizar o animal fantástico, entre outros de existência real, na África, região envolta em mistérios.⁵

O século XVI trazia, sem dúvida, em seu bojo, forte herança da mentalidade medieval que acreditava ser possível, algum dia, encontrar o País de Cocanha, cuja principal característica era justamente a fartura da alimentação, obtida sem esforço, na total ociosidade. Cantado em versos na tradição oral da Idade Média, o mito da Cocanha difundiu-se além do século XIII, época provável de seu primeiro registro escrito. Na França, foi amplamente divulgado nos séculos XVI e XVII, e chegaram a ser conhecidas 12 variantes em relação ao seu conteúdo inicial (FRANCO JÚNIOR, 1992, p. 46). Jacques Le Goff destaca que este mito se constituía em criação totalmente característica da Idade Média e representava um mundo no qual era possível compensar as carências da realidade (LE GOFF, 1994, p. 51).

A busca da abundância, o sonho da fartura e o desejo de uma vida menos trabalhosa faziam parte da bagagem daqueles que partiam para o que consideravam um “novo mundo”, na esperança de encontrar um lugar no qual os homens estivessem livres da dura labuta nos campos, atividade essencial à sobrevivência dos europeus. Thevet inicia sua descrição do Brasil com o desembarque em Cabo Frio, já então deslumbrado com a fartura e, provavelmente, exagerando em suas descrições. Sobre os peixes, escreve: “Os bargos e os mugens são realmente tantos que, quando estive no Cabo Frio, vi um selvagem pescar mais de mil deles, com um laço só de rede [...]” (THEVET, 1944, p. 157). Depois, seguindo com a expedição de Villegagnon do Cabo Frio até a baía de Guanabara, na qual seria instalada a França Antártica, continua maravilhado com:

[...] peixes, abundantes, de delicado gosto.

[...] abundância de arraias, mas de especie diferente das nossas, isto é, duas vezes maiores em largura e em comprimento. (THEVET, 1944, p. 169-170).

⁵ “Seria preciso todo um volume para enumerar as formas animais compostas que os mitos legaram à literatura, sendo possivelmente a mais universal delas a do dragão, marinho ou não, em geral alado.” (BRUNEL, 1998, p. 130).

Mais adiante, escreve, chamando atenção para o fato de que é possível colher, sem plantar, portanto, sem trabalhar: “Quanto às suas terras, é a America fertilissima em arvores de excellentes fructos. Produzem os campos sem lavoura, nem sementeiras” (THEVET, 1944, p. 175).

Semelhante, pois, ao verso do *fabliau* da Cocanha, que revela um lugar no qual:

[...] Sem oposição e sem proibição

Cada um pega tudo o que seu coração deseja.

Uns peixe, outros carne;

[...] Basta pegar a seu bel-prazer. (FRANCO JÚNIOR, 1998, p. 29).

Tal como o índio que, segundo Thevet, atirando uma só vez a rede, havia pescado mais de mil bargos e mугens! O olhar do franciscano sobre a fauna brasileira reflete a admiração pela quantidade e pela diversidade de animais desconhecidos para os europeus, apresentando a seus leitores o *haüt* (bicho-preguiça), que, segundo ele, sobreviveria, alimentando-se apenas de vento:

O animal de que falo é, em poucas palavras, tão disforme quanto seria possível crer ou imaginar. Chamam-lhe de *haüt* ou *haüthi*. Tem o tamanho de uma bugia grande da África e o ventre quasi arrastando por terra. A cabeça assemelha-se muito à de uma criança. Outra coisa digna de memória é que ninguém jamais viu comer a esse animal, muito embora os selvagens, conforme me affirmaram, o tenham tido sob observação por longo tempo. (THEVET, 1944, p. 307-308).

Em seguida, Thevet procura confirmar que o *haüt* não precisa alimentar-se e relata que, tendo sido presenteado com um deles, observou:

[...] que esta não quis comer ou beber por espaço de vinte e seis dias, permanecendo sempre no mesmo estado, quando, afinal, foi estrangulada por alguns dos nossos cães, que os franceses tinham levado para a America. (THEVET, 1994, p. 308).

Tentando dar total credibilidade à sua descrição do bicho-preguiça, compara-o aos camaleões que viu na Turquia, por ocasião de sua viagem ao Oriente:

Tive, a proposito do assumpto, occasião de ver, em Constantinopla, certos camaleões engaiolados; affirmava-se que viviam exclusivamente do ar. Motivo pelo qual penso ser verdade o que dizem os selvagens a respeito do haüt. Demais, aconteceu que o animal permanecesse noite e dia ao vento e à chuva (à qual esta região está sempre sujeita), conservando-se, todavia, sempre enxuto, como dantes. (THEVET, 1994, p. 310).

Em um trecho de seu relato no qual se refere ao fato de os índios depilarem seus corpos, Thevet divaga acerca da possibilidade de ocorrer, em qualquer parte do mundo e na América, o nascimento de alguma criança peluda (THEVET, 1994, p. 192). A partir deste comentário, afirma já ter visto, na Normandia, uma pessoa coberta de escamas, acrescentando que:

[...] existem certos monstros de forma humana. Os satyros, por exemplo, que habitam os bosques e são peludos como os animaes ferozes. [...] ainda se encontram na Africa certos monstros disformes. (THEVET, 1994, p. 193).

É flagrante a marca do fantástico e do diferente, que se enquadra na lógica do século XVI, quando ainda é forte a permanência do imaginário medieval. O relato dá grande destaque ao maravilhoso. As referências a seres, como os dragões e os sátiros, ou o haüt, que, segundo Thevet, viveria de vento, não se constituíam em algo totalmente absurdo para a Europa que tinha bem presentes na memória os estranhos animais dos bestiários da Idade Média.⁶

2 Jean de Léry: o olhar de um reformado

A França Antártica, administrada com mão de ferro por Villegagnon, foi, inicialmente, um local privilegiado para a convivência entre católicos e protestantes. Embora cavaleiro de Malta, o vice-almirante da Bretanha apresentava-se tolerante com os reformados, chegando a manter

⁶ Para estudo mais detalhado sobre os animais reais e imaginários na Idade Média, cf. VOISENET, 2000; CHERRY, 1995.

relações de amizade com Calvino, que lhe forneceria um contingente de colonos para povoar a terra conquistada.⁷

Jean de Léry viajou para o Brasil como integrante de um grupo enviado por Calvino em 1558. No decorrer daquele ano, porém, as disputas entre católicos e protestantes na França Antártica tornaram-se muito violentas, culminando com a impossibilidade de convivência pacífica, o que levou Léry e seus companheiros a deixar a ilha, passando a viver junto aos indígenas, durante dois meses, até a chegada de um navio que os conduziu de volta à Europa.

Ao contrário de Thevet, que publicou *Les Singularitez* [...] em 1557, logo após o seu retorno da França Antártica, a *Histoire d'un voyage en la terre du Brésil*, de Léry, só veio à luz em 1578, já que seu autor, não sendo cartógrafo nem cosmógrafo, mas estudante de teologia, preparando-se para ser pastor, não tinha como prioridade a publicação de um relato de viagem. Ao que tudo indica, foi o acirramento das lutas entre protestantes e católicos na França⁸ e sua indignação com diversas acusações de Thevet aos reformados, principalmente as contidas em inúmeras passagens da *Cosmographie Universelle*, publicada em 1575, que levaram Léry, após várias peripécias de perda do manuscrito iniciado em 1563, a reescrevê-lo, e publicá-lo pela primeira vez, dezanove anos após o seu retorno do Brasil.⁹

As críticas do franciscano aos protestantes, acusando-os de responsáveis pelo insucesso da França Antártica, vão atingir diretamente Jean de Léry. Cada vez, portanto, que Léry, em seu relato, contesta uma afirmação de Thevet, faz isso de maneira muito contundente, procurando deixar o “cosmógrafo do rei” em situação bastante desconfortável. No entanto,

⁷ A historiografia sobre a França Antártica discute a questão da tolerância inicial de Villegagnon para com os protestantes, atribuindo-lhe ora eventual simpatia em relação à religião reformada, ora comportamento oportunista que mudava de acordo com a maior ou menor força política do grupo católico dos Guise junto à monarquia francesa. Sobre Villegagnon e a França Antártica, cf. Vaucheret, 1968, Lestringant, 1990 e Varnhagen, 1956.

⁸ Entre 1562 e 1598, ocorrem, na França, oito guerras de religião e inúmeros massacres, entre eles, o da noite de São Bartolomeu em 24 de agosto de 1572.

⁹ Sobre a vida de Léry, cf. MORISSOT, J.C. Introduction. In: LÉRY, 1975.

apesar da polêmica que envolveu os dois viajantes, a visão do Brasil que Léry deixou registrada em seus relatos foi, sem dúvida nenhuma influenciada pelas informações de Thevet. Sua descrição do bicho-preguiça está muito próxima da que se encontra nas páginas de *Les Singularitez* [...] e da *Cosmographie Universelle*. Assim, como havia relatado Thevet, Léry escreve:

[...] coisa que parecerá realmente fabulosa [...] que jamais homem, nem no campo, nem em casa, tenha visto este animal comer: tanto que alguns estimam que ele viva de vento. (LÉRY, 1975, p. 146).

Jean de Léry também participa da mentalidade da época e, apesar da austeridade e do comedimento da religião reformada, aceita amplamente o fantástico e espera encontrá-lo nas novas terras. Sua descrição da anta refere-se a um animal estranho, uma “semi-vaca” ou “semi-asno”, o qual:

[...] tendo o pelo avermelhado, e mais ou menos longo, e quase do tamanho e peso de uma vaca: porém não tendo chifres, tendo o pescoço mais curto, as orelhas mais compridas e pendentes, as pernas mais secas e esbeltas, o pé não partido, tal qual a própria forma do de um asno, pode-se dizer que participando de um e de outro é semi-vaca e semi-asno. (LÉRY, 1975, p. 133-134).

As referências tanto de Thevet quanto de Léry sobre a longevidade dos índios brasileiros evocam o que Hilário Franco Junior, ao tratar do *fabliau* da Cocanha, chama de “imaginário da perfeição social” (FRANCO JÚNIOR, 1998, p. 21). Para Thevet: “Dispõem os índios das mais variadas fructas, proporcionadas pela natureza. Vivem longos annos, são e dispostos” (THEVET, 1944, p. 188). Segundo Léry, ainda mais afirmativamente com relação a uma quase impossível duração de vida, os índios: “[...] alcançam a idade cem ou cento e vinte anos [...] todos eles bebendo verdadeiramente à fonte da Juventude [...]” (LÉRY, 1975, p. 95). As afirmações de ambos os viajantes lembram, sem dúvida, o país fantástico onde:

Há ainda outra maravilha,
Vocês jamais ouviram coisa semelhante:
A Fonte da Juventude
Que rejuvenesce as pessoas,
E traz outros benefícios. (FRANCO JÚNIOR, 1998, p. 21).

Léry preocupa-se em detectar o envolvimento de forças do mal junto aos índios e escreve:

É preciso notar que estas pobres gentes em sua vida são também a tal ponto afligidas deste espírito maligno (que eles chamam *Kaagerre*) que como vi diversas vezes, da mesma forma que eles nos diziam, sentindo-se atormentados, e gritando de repente como que enraivecidos, diziam, Ai defendei-nos de *Aygnan* que nos espanca: outras vezes diziam que o viam claramente, ora como um animal ou pássaro, ou como outra forma estranha. E porque eles se maravilhavam muito de ver que não éramos tomados, quando lhes dizíamos que tal isenção vinha do Deus do qual lhes falávamos tão seguido, o qual, sendo incomparavelmente mais forte que *Aygnan*, providenciava que ele não nos pudesse molestar nem fazer mal [...]. (LÉRY, 1975, p. 234).

Nas ilustrações da *Viagem à terra do Brasil*, encontra-se uma gravura na qual estão diversas representações do fantástico, tais como, os dragões e os diabos atacando os seres humanos (LÉRY, 1975, p. 235). Os peixes voadores assumem também proporções irreais. Como se pode constatar, o tema dos dragões é recorrente no imaginário dos primeiros viajantes, e Thevet já se havia referido à sua existência na África.

Carlo Ginzburg, um historiador que trabalha com a hipótese de “influência recíproca” entre cultura popular e erudita, torna claro o fato de que certas crenças, mesmo as mais fantásticas, não pertencem apenas ao imaginário dos iletrados, permeando, portanto, toda a sociedade e, pode-se acrescentar, a Igreja, católica ou reformada. Há, de qualquer maneira, a “cristianização do maravilhoso” (GINZBURG, 1987, p. 24). Assim, na medida em que o maravilhoso, presente no universo mental da época, passa a integrar a religião, traz o seu repertório de monstros, sereias e animais imaginários.

Georges Duby, descrevendo o trabalho dos artistas nas catedrais medievais, destacou que levaram para a decoração das igrejas seres fantásticos do Oriente, criaturas aladas e sereias, incorporando-os ao universo cristão (DUBY, 1993, p. 278). Em nosso entender, seria, pois, importante destacar o fato de que as esculturas da Idade Média se mantiveram, muito além daquele período, como um referencial de imagens para os que encontravam, na

religiosidade, um meio de exorcizar suas tensões e seus medos. A frequência às igrejas como local de culto e de sociabilidade era corrente nos séculos XVI e XVII, e as representações artísticas medievais ali estavam ainda bem próximas das populações que, só mais tarde, passariam por processos diversos de descristianização e de relativo afastamento do sagrado.¹⁰ Mitos, lendas e relatos bíblicos estiveram juntos, durante muitos séculos, na arquitetura de toda a Europa e foram recuperados também pelos relatos de viajantes.

Se Thevet afirmava que existiam dragões na África, Léry, por seu lado, descrevia um lagarto brasileiro como um animal monstruoso, muito próximo às imagens dos bestiários medievais.

[...] vendo sobre a encosta um lagarto muito maior que o corpo de um homem, e longo de seis a sete pés, o qual parecia coberto de escamas esbranquiçadas, ásperas e rugosas como conchas de ostras, uma das patas à frente, a cabeça erguida e os olhos cintilantes, parou imediatamente para nos observar. [...] temendo [...] se fugíssemos que ele corresse mais que nós, e que tendonos alcançado ele nos abocanhasse e devorasse: muito espantados que ficamos olhando-nos, permanecemos assim embasbacados no lugar. Assim após que esse monstruoso e temível lagarto abrindo a boca, e por causa do grande calor que fazia (pois o sol brilhava à altura de meio-dia) respirando tão forte que o ouvíamos facilmente, nos tivesse contemplado por perto de um quarto de hora, virando-se de repente, e fazendo maior barulho e estalido de folhas e de ramos por onde passava, que um cervo correndo numa floresta, fugiu pelo monte. [...] Pensei depois, seguindo a opinião dos que dizem que o lagarto se deleita à vista do rosto humano, que esse deve ter tido mais prazer em nos contemplar que tivéramos pavor em contemplá-lo. (LÉRY, 1975, p. 142-143).

A crença em animais aparentados aos dragões dos relatos míticos, em lagartos monstruosos e em serpentes com poderes inexplicáveis é uma característica do imaginário medieval. Le Goff cita-os no que denomina um *corpus de mirabilia*, apresentando um texto de Gervásio de Tilbury, do

¹⁰ No que diz respeito, especificamente, ao processo de descristianização, cf. o luminoso estudo de Michel Vovelle (1973) relativo ao sul da França, no século XVIII.

início do século XIII,¹¹ e deixando claro que existe, na Idade Média, certa naturalidade na maneira de aceitar o estranho, que permite a transposição do maravilhoso para as terras visitadas pelos viajantes europeus, no decorrer do século XVI.

Podemos dizer que os relatos circulavam, e os enredos estavam, assim, inseridos nas ações do dia-a-dia. Seres estranhos surgiam sem alarde, eram aceitos e viviam integrados ao mundo real. O fabuloso e o cotidiano não estavam separados de forma intransponível. Fica, portanto, evidente que os escritos de Thevet e de Léry, mesmo quando eivados de referências a mitos, a utopias e ao fantástico, podiam ser aceitos como verdadeiros por seus leitores, em grande parte, pela permanência do imaginário fantástico que continuava presente no universo mental europeu do século XVI.

3 O relato de Claude d'Abbeville

Apesar do sucesso efêmero da França Antártica, os franceses não abandonaram as incursões pela costa brasileira. A instalação da França Equinocial, no Maranhão, representou a tentativa de associar três interesses distintos que estavam presentes no início do século XVII: os objetivos comerciais de particulares, as missões de catequese e o desejo de prestígio da Coroa. A época também correspondia ao chamado “século de Ouro” da Bretanha. Tendo passado a fazer parte da França tardiamente,¹² a região trouxera

¹¹ “[...] Gervásio de Tilbury conta-nos, entre outras numerosíssimas notações de *mirabilia* que nas cidades do vale do Ródano [...] há uns seres malfazejos, os *dracs*, que atacam as crianças pequenas mas, salvo algumas exceções, não são papões. Introduzem-se, à noite, nas casas – já depois de fechadas as portas –, tiram as criancinhas dos seus berços e levam-nas para a rua e para as praças, onde são encontradas na manhã seguinte – com as portas das casas sempre fechadas.[...] Os vestígios da passagem dos *dracs* são como que imperceptíveis e o maravilhoso perturba o menos possível a regularidade quotidiana; mas é talvez isso o que de mais inquietante há neste maravilhoso medieval: justamente o facto de ninguém se interrogar sobre a sua presença sem nexa em pleno quotidiano.” (LE GOFF, 1994, p. 52).

¹² Ana, filha do duque Francisco da Bretanha, casou-se sucessivamente com dois monarcas franceses, Carlos VIII (1483-1498) e Luís XII (1498-1515), o que abriu o caminho para que o ducado viesse a constituir-se em uma província do reino. Juridicamente, isto se dá em 1532 (CORNETTE, 1994, p. 8).

para o reino as vantagens de constituir um ponto de todo o comércio entre o norte e o sul da Europa. Muitos bretões estiveram entre os que embarcaram em aventuras, como as da França Antártica e da França Equinocial. Simpatizantes ou calvinistas declarados, como era freqüentemente o caso da população daquela região, nem por isto deixavam de ser indicados pela Coroa.

No contexto francês, de um lado, estavam as perseguições aos reformados, a intolerância da Contra-Reforma. De outro, as tentativas de integração no todo de uma França na qual o poder monárquico caminhava para a centralização. Mas, talvez, pelas dificuldades internas e pelas crises de autoridade e de insegurança que caracterizaram o Reino até o advento de Luís XIV, é que as empreitadas externas, tais como as tentativas de implantação de colônias no Brasil, não tenham sido bem-sucedidas.¹³ A expedição de colonização chefiada por Daniel de la Touche, senhor de La Ravardière e por François de Rasily, senhor de Aumelles, no Maranhão, durou apenas três anos, de meados de 1612 a novembro de 1615, quando o forte de São Luís foi entregue pelos franceses aos portugueses. Jacques Rifault e Charles de Vaux, que comerciavam com os índios da região, desde 1594, estavam entre os responsáveis pela divulgação das novas terras na França (VIANNA, 1996, p. 143), despertando o interesse tanto de possibilidades de comércio quanto de catequização.

Se da França Antártica restaram testemunhos importantes, nas obras de André Thevet e de Jean de Léry, da França Equinocial permaneceram, igualmente, os significativos relatos de missionários capuchinhos, entre eles, o de Claude d'Abbeville. Cabe destacar, porém, que, no caso da França Antártica, os relatos de Thevet e de Léry representam, respectivamente, as vozes do católico e do reformado. Por outro lado, nenhum dos dois trata, em seus textos, da catequese em si, porque não integraram a expedição de Villegagnon com o objetivo de conversão dos indígenas. Thevet interessava-se pelas viagens

¹³ Há diversos estudos sobre os reinados de Henrique III, Henrique IV e Luís XIII, quase todos destacando as crises econômicas e religiosas e referindo-se à indecisão dos monarcas entre a tolerância e a repressão aos protestantes. O historiador Denis Crouzet estudou em profundidade as mentalidades do século XVII com o objetivo de melhor entender não apenas o episódio da São Bartolomeu, mas também o contexto da época que levou a tão violentos confrontos (CROUZET, 1998).

e havia partido como capelão dos franceses, e não como missionário, tendo sido, posteriormente, nomeado cosmógrafo do rei. Léry fizera parte de outro contingente pedido como reforço de colonos e enviado por Calvino. Para a França Equinocial, os textos disponíveis são os de frades missionários, isto é, de viajantes engajados em objetivo religioso que se faz bastante presente no conjunto de suas visões.

O calvinista La Ravardière não se envolveu em disputas de caráter religioso como o havia feito Villegagnon e aceitou a presença do fervoroso católico Rasily e dos missionários, que tornavam viável um empreendimento cuja organização não tinha sido fácil (BONNICHON, 1994, p. 136). A estada de Claude d'Abbeville, um dos frades capuchinhos enviados ao Maranhão, foi de, aproximadamente, quatro meses, entre a segunda metade e o final de 1612. Embora curta, deu origem a um relato muito detalhado da região onde se instalaram os franceses. É provável que se tenha utilizado de informações recolhidas com intérpretes que já viviam há mais tempo entre os índios, o que era comum na época.¹⁴ O texto do missionário deixa clara sua condição de catequizador, com inúmeros *exempla* que ilustram, do mesmo modo como havia sido hábito na Idade Média, os riscos para aqueles que viessem a cair em pecado.

Jacques Le Goff, que estudou detalhadamente o uso dos *exempla*, define-os como sendo narrativas breves, utilizadas no período medieval, semelhantes a pequenos contos ou fábulas, mas de conteúdo persuasivo, cujo caráter de “exortação” visava convencer os ouvintes com uma “lição salutar”. O episódio narrado deveria ser plausível e ter ocorrido no tempo recente, próximo ao narrador (LE GOFF, 1994, p. 123). Abbeville, em seu relato, faz uso desta técnica dos *exempla* com a habilidade da sua condição de pregador, o que é bastante evidente na passagem que segue e que se refere a um pequeno índio de quatro anos que agonizava:

¹⁴ Janaína Amado analisa, em relação aos portugueses, o uso de intermediários que, expondo-se ao risco dos primeiros contatos, irão fornecer informações preciosas à Coroa (AMADO, 1998, p. 237-248). Também entre os franceses, havia a prática de colher informações sobre as novas terras junto a informantes que, por razões diversas – entre elas naufrágios ou instalação deliberada – vivessem entre os índios.

Já o considerava morto sua mãe, e o chorava. Perguntou-lhe o Paí se ela queria que o filho fôsse batizado, a fim que se salvasse pelo menos a alma. Respondeu ela que sim e que lhe suplicava mesmo insistentemente fazê-lo. Imediatamente batizou-o o Paí, e apenas realizado o ato recobrou a palavra o pequeno; e também a saúde, tão perfeita, como nunca tivera. Isso causou grande admiração aos índios, bem como aos franceses que se achavam presentes, e aumentou entre os índios o desejo de serem batizados.

Tais são os efeitos dos sacramentos; têm o poder de dar vida à alma e também, querendo-o Deus, saúde ao corpo. Assim é que Constantino se viu milagrosamente curado da lepra que tinha no corpo, ao mesmo tempo que o era da lepra espiritual que tinha na alma, e isso por meio do santo sacramento do batismo. (ABBEVILLE, 1975, p. 119).

Encontram-se, portanto, evidentes no texto todos os elementos de um *exemplum* medieval: a narração breve e persuasiva, o tempo recente e a experiência do narrador — no caso, a experiência visual, já que o próprio capuchinho presenciou o fato. Outra passagem de Claude d’Abbeville que se aproxima bastante dos *exempla* é a referente ao arrependimento dos indígenas que, segundo ele, durante muito tempo, haviam praticado o canibalismo. Admoestados pelos frades e pelas autoridades francesas no Maranhão, prometeram, então, abandonar um comportamento que não se adequava à pregação do cristianismo. Assim:

[...] arrependidos de ter praticado tantas atrocidades no passado, em vez de cruéis e ferozes mostram-se agora bons e pacíficos, em vez de tigres e lobos, parecem ovelhas e carneiros; e muitos dentre os antigos filhos do diabo são agora filhos de Deus. Pedem para ser batizados e desejam viver na paz e dignamente. (ABBEVILLE, 1975, p. 234).

E Abbeville conclui o assunto com verdadeiro fecho de “lição exemplar”:

Porisso, bem podemos dizer que nesse povo do Maranhão cumpriu-se a profecia de Ezequiel: [...] “Disse o senhor Deus tais palavras. Porque dizem de vós: és aquê que devora os homens e sufoca tua gente. Doravante não comerás mais homens, nem matarás

mais tua gente, disse o senhor Deus. Não permitirei mais que haja em ti a confusão do gentilismo, e não carregarás mais o opróbrio dos povos e nem perderás mais tua gente, disse o senhor Deus.” (ABBEVILLE, 1975, p. 234).

No relato do missionário francês, as “lições exemplares” referem-se, em geral, a situações que ocorrem em virtude da conversão ou da obediência dos indígenas que, comportando-se de acordo com padrões europeus, são, de alguma forma, recompensados, material ou espiritualmente. Fica evidente o caráter pedagógico da escrita de Claude d’Abbeville, marcando, portanto, sua prática de missionário imerso na função da catequese. As referências feitas, no texto, ao juízo final que, segundo ele, estaria próximo, também o conduzem à conclusão de que se tornava urgente a tarefa de conversão dos “canibais e antropófagos” (ABBEVILLE, 1975, p. 16).

Nos séculos XVI e XVII, mantém-se viva, nas mentalidades coletivas, como uma presença forte e constante, a imagem do diabo, de verdadeiro “horror diabolicus”, que, de acordo com Carlos R. Figueiredo Nogueira, era um legado do final da Idade Média (NOGUEIRA, 1995, p. 156). Claude d’Abbeville, como pregador, não passa, evidentemente, ao largo do tema e descreve, com detalhes, as artimanhas de Satanás, para desviar os homens do bom caminho. No início de seu relato, referindo-se a alguns problemas enfrentados antes da partida da França e que atrasaram a saída da expedição, afirma que:

[...] os grandes empreendimentos são de ordinário dificultados por perigosos embarços, e o Diabo, prevendo a próxima ruína de seu reinado e a expansão da religião de Jesus Cristo, o que mais do que tudo receava, não cessou de perseguir-nos, revolvendo céus e terra e semeando a maldita discórdia no coração dos franceses [...]. (ABBEVILLE, 1975, p. 26).

Mais adiante, ao descrever a agonia e a morte de um jovem índio que foi levado do Maranhão para a França, Abbeville acusa também o diabo de tê-lo tentado a não receber o batismo, quando este seria o seu verdadeiro desejo (ABBEVILLE, 1975, p. 272). Insistindo em descrições assustadoras, o missionário relata a seguinte aparição demoníaca:

Desapareceu o espectro imediatamente, mas voltou logo, pela terceira vez, entrando no quarto com grande fúria, muito semelhante a um centauro, pois tinha forma humana até a cintura e da cintura para baixo era como um cão. Trazia uma espada desembainhada na mão e disse-lhe que vinha curá-lo para que voltasse logo à sua terra. Não foi sem terror que Luís Maria reconheceu então o Diabo (ABBEVILLE, 1975, p. 286)

Nestas e em outras passagens de seu relato, Abbeville dá ênfase às ações do diabo em um tom muito próximo do que Nogueira definiu como “delírio demonolátrico”, de origem medieval (NOGUEIRA, 1995, p. 175). As imagens fortes – verbais ou iconográficas – faziam parte da bagagem dos missionários e eram especialmente adotadas pelos frades pregadores das ordens menores. A veemência das pregações franciscanas era conhecida desde a Idade Média (VAUCHEZ, 1994, p. 252), e os capuchinhos, um ramo mais recente desta ordem, também se destacaram, ao utilizar recursos de grande apelo popular. Em suas obras de catequese no interior da França, adotaram gravuras de enorme impacto, que apresentavam uma figura do que seria a alma dos pecadores, com os sete pecados capitais, e o diabo, no centro, dominando toda a ilustração (PALAZZO, 2002, p. 102).

Abbeville, em seu relato, refere-se aos peixes voadores que observou na altura dos trópicos, durante a viagem de travessia da França ao Maranhão:

Non sei se devo comparar êsses peixes à alma do mundano ou à do justo, pois é o verdadeiro símbolo de ambas. Claro está que se assemelha perfeitamente à do mundano dado a tôda espécie de vícios e disso fazendo alarde. Mergulhado no mar dos prazeres, delícias e volúpias, feito de riqueza, de gulodice e de libertinagem, nunca se sente tranqüilo, mas continuamente desconfiado, temeroso, angustiado, empanturrado de remorsos pungentes, dos quais procura libertar-se elevando-se até Deus, mas aos quais logo se vê reconduzido pelo Diabo (ABBEVILLE, 1975, p. 33).

No relato, a comparação dos peixes – que saltam para fora do mar e nele voltam a mergulhar – com a alma do homem mundano, que mergulhava nos vícios, é, deliberadamente, exagerada em um discurso muito semelhante ao que já vinha sendo feito em séculos anteriores e que obedecia às regras de uso dos *exempla* medievais.

Conclusão

Os viajantes do século XVI a meados do XVII apresentavam visões muito semelhantes de seus encontros com os indígenas e com a flora e a fauna do Brasil. Havia um denominador comum em seus relatos: estavam todos inseridos em um universo mental que tinha como forte referência o imaginário da Idade Média. Os relatos de viagens constituem-se, pois, em fontes importantes para o estudo das permanências e para que se possa pensar em um questionamento com respeito aos cortes cronológicos normalmente aceitos pela historiografia. A idéia de “uma longa Idade Média” proposta por Le Goff, questionando a ruptura do Renascimento, pode, portanto, ser objeto de reflexão também a partir destas fontes.

No que diz respeito à elaboração de imagens do Brasil e à maneira como as terras americanas foram vistas pelos franceses, é possível constatar que a capacidade de aceitar o maravilhoso e de dar a ele um estatuto de verdade permitiu aos viajantes quinhentistas e seiscentistas certa abertura do olhar para descrever o Outro. André Thevet, Jean de Léry e Claude d’Abbeville deixaram registrada, em seus relatos, a visão do Brasil que abarcava não só a realidade do dia-a-dia mas também as histórias que lhes chegavam por intermédio dos índios e aquelas desenvolvidas por meio das próprias vivências junto à natureza que os impressionava.

Havia disponibilidade para aceitar o estranhamento. Apesar das críticas, em diversas passagens de seus escritos, os três viajantes hesitavam em julgar, de forma totalmente negativa, a realidade que fugia às explicações mais coerentes. Para seus leitores, a credibilidade daqueles relatos só era possível porque, na Europa, continuava a circular um vasto corpus de histórias nas quais as referências ao maravilhoso eram uma constante. Da mesma maneira, fazia-se presente importante repertório de imagens, em especial o das catedrais com suas esculturas de animais oriundos de bestiários medievais. Tratava-se, pois, de significativo acervo visual que reforçava as crenças no fantástico.

Quanto às mudanças de paradigma interpretativo para a observação do não-europeu, destaca-se, a partir do século XVIII, o papel da História Natural, articuladamente elaborada na obra de Buffon como nova

chave de leitura do mundo (BUFFON, 1988, p. 281). Foi ele quem difundiu o interesse pelos jardins botânicos, tornados populares por meio do incentivo à ampla visitação pública.

Buffon tinha o cargo de administrador do Jardin du Roy, local de prestígio e que se constituía em vitrine das ciências naturais, tão admiradas na época. Contava, para manter o prestígio e o interesse no referido jardim, com a colaboração dos viajantes setecentistas que traziam, em suas bagagens, as plantas de terras distantes para que fossem catalogadas e organizadas de acordo com o gosto europeu das Luzes. (PALAZZO, 2002, p. 128).

A natureza exuberante do Brasil, descrita em seu próprio ambiente por Thevet e Léry e povoada de fantasias nos relatos dos séculos XVI e XVII, passará, portanto, a atrair bem menos do que a vegetação transplantada e classificada no tranqüilo e bem planejado Jardin du Roy, no coração de Paris. Para Buffon, “[...] a natureza bruta é horrenda e moribunda” (BUFFON, 1988, p. 260). Florestas espessas e que não mostram a marca do cultivo pelo homem são dignas de lamentação. Ele mesmo exclama: “Como é bela esta natureza cultivada! Como, pelos cuidados do homem, ela está brilhante e pomposamente adornada!” (BUFFON, 1988, p. 260). Assim, os excessos e a fartura de um país de Cocanha já não eram mais vistos com admiração.

A natureza que tudo produz sem a interferência do homem, a exuberância, os mitos medievais, as utopias e os seres fantásticos perdem, a partir do século XVIII, seu espaço para as explicações racionais da Ilustração. No entanto, a ciência e a razão iluminista não se constituirão em garantia de maior aceitação da diferença, de olhares mais abertos em direção à alteridade.

Permanences médiévales dans les récits de la modernité

Résumé: Cet article analyse les regards français sur le Brésil, du XVe jusqu’au milieu du XVIIe, en montrant les permanences de l’imaginaire médiéval, et donnant une part importante à la longue durée. Nous partons du parti pris que les coupures chronologiques normalement acceptées par l’historiographie ne correspondent pas aux transformations de l’univers mental, qui ne change que très lentement. Nous avançons donc l’hypothèse que, dans les récits de

voyageurs des XVI et XVII siècles, il serait difficile de déceler quelque fort indice d'un Age Moderne. La vue théorique que nous utilisons doit beaucoup à l'école des Annales, dans sa perspective tournée vers l'étude des mentalités et vers la mise en question des divisions traditionnelles des périodes historiques.

Mots-clés: Récits de voyageurs. Imaginaire. Altérité.

Fontes

ABBEVILLE, Claude d'. *História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. Tradução de Sérgio Milliet. Apresentação de Mário Guimarães Ferri. São Paulo: USP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

BUFFON. Histoire Naturelle. In: BUFFON et al. *Buffon: 1788-1988*. Paris: Imprimerie Nationale, 1988. Edição fac-similar dos textos de Buffon, p. 208-291.

LÉRY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amerique*. Genebra: Droz, 1975. Edição fac-similar da obra: LÉRY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite de l'Amerique*. Genebra: Antoine Chuppin, 1578.

THEVET, André. *Singularidades da França Antarctica*. Tradução, prefácio e notas de Estevão Pinto. São Paulo: Ed. Nacional, 1944.

_____. *Les Français en Amérique pendant la deuxième moitié du xvie siècle: le Brésil et les Brésiliens* (Cosmographie Universelle). Paris: Presses Universitaires de France, 1953. Edição fac-similar da obra com o mesmo título.

_____. *Les Vrais Pourtraicts et Vies de Hommes illustres Grecz, Latins & Payens, recueilliz de leurs tableaux, livres, medalles antiques et modernes*. Par André Thevet Angoumois, Premier Cosmographe du Roy. Paris: Veuve Jacques Kerver et Guillaume Chaudière, 1584.

_____. *Singularitez de la France Antarctique, autrement nommée Amerique, & de plusieurs terres & isles decouvertes*. Paris: Héritiers de M. de la Porte, 1557.

_____. *La Cosmographie universelle d'André Thevet cosmographe du Roy*. Illustree de diverses figures de choses plus remarquables veuës par l'auteur, et Incogneuës de noz Anciens & Modernes. Paris: Pierre l'Huillier et Guillaume Chaudière, 1575.

Referências

AMADO, J. La séduction de l'autre: premiers intermédiaires de l'Empire portugais. In: QUEIRÓS MATTOSO, K. de; MUZART, I.; ROLLAND, D. (Org.). *Naissance du Brésil moderne, 1500-1808*. Civilisations 22, Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1998.

BIBLIOTHEQUE NATIONALE DE FRANCE. *Indes Merveilleuses: l'ouverture du monde au xve siècle* Paris: Bibliothèque Nationale /Chancellerie des Universités de Paris, 1993.

BONNICHON, Ph. *Des Cannibales aux Castors: les découvertes françaises de l'Amérique*. Paris: France-Empire, 1994.

BRUNEL, P. (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CHERRY, J. (Org.). *Mythical beasts*. Londres: British Museum Press, 1995.

CORNETTE, J. Le siècle d'or de la Bretagne. *L'Histoire 180*, sept. p. 8-14, 1994.

CROUZET, D. *La Nuit de la Saint-Barthélémy: un rêve perdu de la Renaissance*. Paris: Fayard, 1994.

DUBY, G. *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade*. Lisboa: Estampa, 1993.

NOGUEIRA, C. R. F. *O nascimento da bruxaria*. São Paulo: Imaginário, 1995.

FRANCO JÚNIOR, H. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *As utopias medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LANCIANE, G.; TAVANI, G. *Dicionário de literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993.

LE GOFF, J. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.

_____. *Reflexões sobre a História*. Lisboa: Edições 70, [199-].

LESTRINGANT, F. *Le huguenot et le sauvage: L'Amérique et la controverse coloniale en France au temps des guerres de religion (1555-1589)*. Paris: Aux amateurs des livres, 1990.

MUSÉE DE LA MARINE. *À la rencontre de Sindbad: la route maritime de la Soie*. Paris: Unesco / Bibliothèque Nationale de France, 1994.

NAVARRO, T. Os mitos da descoberta do Brasil. *Humanidades*, v. 8, n. 2, p. 147-163, 1992.

PALAZZO, C. L. *Entre mitos, utopias e razão: os olhares franceses sobre o Brasil*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

VARNHAGEN, F. A. *História geral do Brasil antes da sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, 1956. tomo 1.

VAUCHERET, E. *Jean Nicot et l'entreprise de Villegagnon*. Paris: Vris, 1968.

VAUCHEZ, A. São Francisco de Assis. In: BERLIOZ, J. (Org.). *Monges e religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar, 1994. p. 243-262.

VERDON, J. *Voyager au Moyen Age*. Paris: Perrin, 1998.

VIANNA, H. *História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

VOISENET, J. *Bêtes et Hommes dans le monde médiéval*. Turnhout: Brepols, 2000.

VOVELLE, M. *Piété baroque et déchristianisation en Provence au XVIII^{ème} siècle*. Paris: Plon, 1973.

WIESER, F.D. Ce Diable de Dragon. *La Gazette Lorraine*, n. 15, p. 18-19, dez. 2004.

WISMES, A. de. *Nantes et le temps des négriers*. Paris: France-Empire, 1992.

ZURARA, G. E. de. *Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista da Guiné por mandado do infante D. Henrique*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1978.